



ArtSpace: A simbiose entre o corpo e a pele

O ARTSPACE JOÃO CARVALHO É UM PROJECTO DIFERENCIADOR QUE JUNTA AS DUAS PAIXÕES DO ARTISTA

“ João Carvalho nasceu numa família ligada aos curtumes mas sempre foi um apaixonado pela arte. Uniu as duas paixões e criou um espaço onde trabalha o corpo e a pele. Pelo meio, ficou na história como o homem que descobriu as pegadas de dinossauros na Serra de Aire e Candeeiros.

• RICARDO RODRIGUES (TEXTO E FOTOS)

O ArtSpace João Carvalho, na aldeia de Gouxaria, concelho de Alcanena, é um espaço diferenciador desde logo pelo enquadramento. Situado numa zona de fazendas onde se avistam apenas algumas fábricas e armazéns, na saída da aldeia, encontramos um espaço moderno, arejado, com linhas contemporâneas e em preto, com cactos plantados na entrada, que se distingue de tudo o que possamos descortinar nas redondezas. “Porque é que fiz o estúdio na Gouxaria? Porque sou de cá, a indústria de curtumes está cá, ali atrás é a casa do meu pai, e tenho uma vista fabulosa para a serra e o cabeço de Santa Marta”, remata sem hesitações. É com notável orgulho que nos apresenta o espaço, que se assume como “um projecto de descentralização cultural”. A conversa começa na entrada do estúdio mas rapidamente se transforma numa viagem itinerante em que vai mostrando o mundo que criou.

O espaço está dividido em dois mas, simultaneamente, funciona como um só. De um lado expõem artistas convidados por João Carvalho e, também, o próprio. Do outro, trabalha-se a pele para a indústria da moda. A ligação entre as duas formas de laborar é estabelecida pela sensibilidade artística de João Carvalho. “Como trabalho muito no estrangeiro e com grandes marcas quis criar um espaço digno onde eu pudesse reportar a minha identidade e as minhas paixões”, explica.

Criado na indústria de curtumes mas apaixonado pela arte, “um dia pensei em desenvolver um curtume que em vez de ser destinado ao vestuário, calçado, estofos, entre outros, fosse mais duro para moldar e teria que endurecer num curto espaço de tempo”. É assim que começa por descrever a forma como trabalha as suas esculturas. Com os contactos e conhecimentos que tem na área, facilmente conseguiu resolver essa parte da equação. “É então que descubro que posso fazer em corpos

reais”, passando o seu trabalho a gravitar sobretudo em torno do nu. Em 2014 decide abrir a galeria de arte “para expor as minhas obras e, também, para entrar no circuito de arte”, conhecendo e trocando experiências com outros artistas. Existiu outro factor impulsionador da criação do espaço que se prende com a necessidade de deter uma galeria para poder aceder a algumas feiras de arte. Nestes quatro anos já passaram pela galeria grandes nomes como João Alfaro, Cristina Troufa, Isabel Lhano, Gustavo Fernandes, Emanuel Sousa Fernandes, Francisco Simões, Gil Teixeira Lopes, José Rodrigues, Artur Bual, Adam Martinakis e Duarte Vitória e a agenda está completa para os próximos dois anos. A pesquisa é feita por João Carvalho, João Alfaro e Antero Guerra, reconhecendo que para expor no ArtSpace “temos de gostar das obras”. A aposta no nu artístico surge com a intenção de criar “um diálogo com as minhas obras” e a necessidade de “haver identidade, tem de haver coerência no estilo”, defende. O molde é algo que fascina o artista que vê aqui a forma de imortalizar algo tão belo como o corpo humano: “a pessoa pode imortalizar o seu corpo... antigamente faziam-se retratos e pinturas, hoje fazem-se tatuagens. O corpo deve ser registado”, justifica. O processo está patenteado e, naturalmente, João Carvalho não o revela explicando apenas que “o processo demora cerca de duas meias-horas”, sendo que a primeira parte é para a moldagem do corpo.

Tudo isto surge da paixão pelas artes pois “nunca tive formação académica artística”, classificando-se como um autodidacta. O sucesso da galeria é “um orgulho muito grande”, reconhece.

Paredes meias com a galeria de arte funciona um estúdio onde João Carvalho desenvolve trabalhos para a indústria da moda. “Aqui eu adapto tudo para a pele”. Foi pioneiro na criação de um livro de tendências em curtumes que é todo feito no ArtSpace, desde as fotografias ao design. Este livro funciona como um catálogo para clientes de todo o mundo e é “usado para estudo por bibliotecas ou escolas de design”. Frisa que “as tendências são criadas pelos estilistas” mas com a ajuda de uma equipa de várias áreas. “Trabalho com um estúdio em Itália e somos 22 pessoas” a prestar consultoria “e isso cria os vários estilos”. Actualmente encontra-se a trabalhar na colecção de verão 2020 e mostra-se fascinado porque “há sempre algo a descobrir”.

O trabalho aqui consiste em criar desenhos para os clientes, trabalhar a pele, normalmente já curtida, para acabamento “e damos curas, transferes e caracteres” que são, no fundo, diferentes tipos de relevo. Quando iniciou este percurso existiam cerca de 29 tipos de transferes, hoje João Carvalho tem perto de 1300 no seu estúdio. “Conseguimos dar carácter à pele, mais direccionada para a moda”. Admite que esta estratégia ao início levou a algumas desconfianças mas “quem não fizer colecções não vai a lado nenhum”. Para o criador é importante haver alguém com sensibilidade artística na indústria e defende que assim deveria ser em todas as áreas. Até porque muitas das técnicas que utiliza têm um misto dessa veia artística mas, também, das técnicas da



JOÃO CARVALHO É NATURAL DE GOUXARIA, CONCELHO DE ALCANENA

indústria têxtil. Os seus trabalhos para os estúdios são depois vendidos a outras empresas e já sucedeu visitar feiras onde encontra trabalhos, por si desenvolvidos, em stands que nem sequer conhece.

Amor sem violinos

O sucesso da galeria de arte é de tal ordem que o trabalho ali desenvolvido ecoou rapidamente até à voz de Sónia Tavares, vocalista da banda The Gift. João Carvalho parece algo comedido no entusiasmo mas mostra-se satisfeito: “Estás a ver este tambor que trouxe da China? Ela aparece no vídeo a tocar”, conta entre sorrisos.

A história da gravação do videoclip da música “Love Without Violins”, de uma das principais bandas nacionais, no ArtSpace é contada em poucas palavras: “O Paulo Costa Pinto (realizador) veio cá a uma vernissage e ficou deslumbrado com as minhas obras”, conta. “De tal modo que me disse que havíamos de fazer qualquer coisa”. Meses mais tarde o telefone tocou e, do outro lado, Paulo Costa Pinto expunha as suas pretensões: gravar no espaço uma música dos The Gift. João Carvalho acedeu pois “achei que ia ser muito bom”, lembra sorridente.

No vídeo é possível ver o processo de construção do molde do corpo pelas mãos do próprio. João Carvalho aparece na gravação a processar a pele e a aplicá-la no corpo despidado da modelo brasileira Grazi Nery e, no final, surge a escultura já sem a modelo, tal como podemos apreciar na galeria do artista. Para João Carvalho, o vídeo é “um conceito do belo e do estético do corpo da mulher”, precisamente o reflexo daquilo que cria na galeria. A canção conta ainda com a participação de Brian Eno, um dos nomes mais reconhecidos da música a nível internacional.

Dinossauros

Na entrada da *Black Box* (caixa negra), como Duarte Vitória apelidou o espaço em contraste com a “White Box” (caixa branca), uma galeria de arte em Nova Iorque, está exposto um molde com pegadas feito por João Carvalho. “Fiz três a pedido do Museu de História Natural. Um foi para Lisboa, outro para Londres e um para Nova Iorque”, não resistindo a fazer uma réplica que expõe com orgulho no ArtSpace. O artista explica que sempre se dedicou ao estudo da paleontologia, sobretudo à época do câmbrio, que marca o princípio dos vertebrados, os trilobites, que deram origem aos peixes e, mais tarde, aos répteis. “Esta zona é mais de calcário, remonta ao jurássico”, explica. “Eu gostava muito de procurar vestígios e uma madrugada, fui com dois amigos aos fósseis”. Corria o dia 4 de Julho de 1994 e João Carvalho “tencionava encontrar registos dos bivalvus”, reforçando que também já tinha encontrado “uma zona de recife de coral no Bairro”, concelho de Vila Nova de Ourém. Os amigos Ricardo e João Falcão não acreditaram quando disse que “tenho a impressão que são pegadas de dinossauro” aquilo que avistava numa zona de anfiteatro por trás da pedreira. Desceram e “quando vi o jeito da lama, a pressão lateral, não tive dúvidas” do que acabara de encontrar. Deu a descoberta como se fosse da Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia, à qual pertence, reconhecendo o “bom senso” do proprietário da pedreira na “preservação do espaço, o que vai permitindo estudar ainda mais”. Actualmente, as pegadas estão classificadas como Monumento Natural e são parte integrante do Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros. O espaço pode ser visitado pelo público e conta com 20 trilhos de saurópodes compostos por mais de mil pegadas. Além disso existe um “Centro de Animação Ambiental, um parque de merendas, um grande

painel ilustrativo da evolução da vida na terra ao longo do tempo geológico e diversos painéis informativos” para auxílio dos visitantes. João Carvalho, no entanto, garante que é “um homem da arte” e não “o tipo que descobriu as pegadas”.

A pele e a arte como herança

Se o espaço que criou é uma simbiose entre o corpo e a pele, com o nu artístico como face mais visível, a verdade é que, na vida de João Carvalho, a pele é um elemento incontornável. Nasceu a 17 de Abril de 1962 e é neto de António Nunes Carvalho. O avô paterno, em 1939, criou uma fábrica com o seu nome dedicada à indústria dos curtumes. Actualmente existe outra empresa criada em 1986, o Couro Azul que se tem afirmado como das mais importantes indústrias a nível mundial no sector automóvel, sendo ambas geridas pela família como “Grupo Carvalhos” a partir da Gouxaria. Tendo feito o seu percurso escolar em Alcanena e Torres Novas, João Carvalho estudou três anos na Alemanha para técnico de curtumes, o que também lhe possibilitou adquirir “conhecimentos das propriedades da pele, que lhe permitiu criar esculturas naturalistas das formas do corpo num processo inovador onde conjuga a beleza corporal numa atmosfera erótica e surrealista”. Quando regressou trabalhou uma década nas empresas da família mas como não se sentia completo procurou a área dos produtos químicos na qual esteve durante 12 anos, até que começou a desenvolver o seu espaço. Contudo, do lado materno, existe uma ligação mais próxima às artes. O avô, Luís Pereira, descobriu-se como pintor depois de reformado. Uma paixão que passou ao neto que começou “a pintar com ele muito novo”, gerando assim “a mania de que havia de ser pintor” no jovem João. Admitindo que “era difícil viver disso, e com um turbilhão de ideias na cabeça, tive de decidir” e optou pelo mundo das peles.

Hoje em dia, João Carvalho tem total conforto para mostrar ao mundo as suas duas paixões no mesmo espaço. Pai de Maria, Manuel e Natércia, e avô da Francisca, de 2 anos, é através do ArtSpace que se mostra ao mundo como aquilo que sempre quis ser: um homem que cria arte.



“GRAVIDUS”, UMA DAS OBRAS DO JOÃO CARVALHO (FOTOGRAFIA ARTSPACE)